

A Caminho do centenário (2): A missão do Opus Dei na meditação pessoal e na pregação de São Josemaria

Este segundo artigo da série de preparação para o centenário visa aprofundar na finalidade e na missão do Opus Dei a partir da meditação pessoal e dos ensinamentos do seu fundador.

17/12/2024

Após anos de pressentimentos, orações e esperanças, no dia 2 de outubro de 1928 São Josemaria viu o que Deus lhe pedia. A força sobrenatural daquele momento encheu toda a sua vida, iluminando o seu caminho de um modo profundo e decisivo, sem de maneira alguma anular a sua liberdade, mas sim confirmando-a na missão que aceitou com plena entrega. Até então, como dizia, não sabia o que Deus queria dele. Agora, finalmente, comprehende que Deus lhe pede que difunda uma forma de entender a busca da santidade no mundo, uma forma que privilegie a vida habitual e o trabalho humano, que promova o compromisso apostólico e coerente dos leigos. Declarará que esta mensagem, da qual a partir de então

se sente portador, é tão antiga e tão nova como o Evangelho.

«Recebi a luz sobre toda a Obra, enquanto lia aqueles papéis. Ajoelhei-me como vido – estava sozinho no meu quarto, no intervalo entre uma prática e outra – dei graças ao Senhor e recordo com emoção o toque dos sinos da paróquia de Nossa Senhora dos Anjos (...). Recompilei com alguma unidade as notas soltas que até aí vinha tomado» (*Apontamentos íntimos*, n. 306).

Quando São Josemaria *viu* essa vontade de Deus, procurou saber se já existia uma instituição dedicada a essa missão ou se, pelo contrário, teria de ele próprio a fundá-la. Levou também algum tempo a discernir quem deveria fazer parte dela: se apenas homens ou também mulheres, se incluiria sacerdotes e de que modo, com que estrutura

canónica e com que tipo de compromisso. Poder-se-ia dizer, talvez exagerando um pouco, que no dia 2 de outubro de 1928 São Josemaria decidiu firmemente *ser do Opus Dei* e *ser Opus Dei*, sem saber ainda, em *todos* os seus detalhes, o que era o Opus Dei. Foi um tempo de gestação, comparável ao de uma mãe que leva no seu ventre uma nova criatura, que ama e com quem fala, mas cujo rosto e cor dos olhos ainda não viu.

Compreender a pouco e pouco em que consistia este caminho, qual era o rosto da nova criatura que vinha ao mundo, e falar dela com Deus, não é outra coisa senão a própria vida interior de São Josemaria naqueles anos. O Opus Dei vai tomando forma na sua vida espiritual, na sua relação com Deus, na sua oração e mortificação. Começa a delinear os seus fins, assinalando também, de vez em quando, os meios para os

alcançar. Aprofundar na missão do Opus Dei, e assim identificar o seu carisma, significa conhecer e pôr em relação os diversos fins que São Josemaria medita e comenta. Isto só se pode fazer entrando na vida íntima do fundador, com respeito e gratidão a Deus. É este o itinerário traçado pela sequência dos seus *Apontamentos Íntimos*, testemunhos do seu diálogo pessoal com o Senhor, sobre cujo pano de fundo se vão configurando costumes, iniciativas e estilos de vida.

Reconciliar a terra com Deus

Os apontamentos disponíveis em que, pela primeira vez, parecem definir-se os objetivos de uma nova instituição datam de 1931. São Josemaria menciona a ideia de propagar o Reino de Cristo em todos os ambientes, dando glória a Deus e cooperando na salvação das almas, provavelmente em continuidade com

a encíclica de Pio XI *Quas primas* (1925).

«“*Christum regnare volumus*”, “*Deo omnis gloria*”, “*Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*”. Com estas três frases ficam suficientemente indicados os três fins da Obra: Reino efetivo de Cristo, toda a glória de Deus, almas» (*Apontamentos íntimos*, n. 171).

«Fins. – Que Cristo reine, com efetivo reinado na sociedade. *Regnare Christum volumus*. – Procurar toda a glória de Deus. *Deo omnis gloria*. – Santificar-se e salvar almas: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*» (*Apontamentos íntimos*, n. 206).

Mais do que uma extensão geográfica do Reino – embora isto também esteja presente em cada nova iniciativa que começa –, o Fundador parece particularmente interessado numa extensão que abarque todas as

circunstâncias da vida e todas as profissões. Trata-se de uma *missão* destinada a alcançar todos os âmbitos da existência humana, especialmente a vida quotidiana e o trabalho. Este é precisamente o conteúdo da *locução divina* – uma revelação particular de Deus – de 7 de agosto de 1931:

«Agora compreenderemos a emoção daquele pobre sacerdote que, tempos atrás, sentiu dentro da sua alma esta locução divina: *et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum* (Jo 12, 32); quando for levantado bem alto sobre a terra, atrairei tudo a mim. Ao mesmo tempo, viu com clareza o significado que o Senhor, naquele momento, queria dar a essas palavras da Escritura: é preciso pôr Cristo no cume de todas as atividades humanas. Entendeu claramente que era necessário, com o trabalho quotidiano em todas as tarefas do

mundo, reconciliar a terra com Deus, de modo que o profano – mesmo sendo profano – se convertesse em sagrado, em consagrado a Deus, fim último de todas as coisas» (*Carta 3, n. 2*).

Com o passar dos anos e a progressiva redação das *Cartas*, das *Instruções* e de outros textos, que serviriam de base a boa parte da sua pregação, São Josemaria deixou aos seus filhos o legado espiritual e intelectual de uma instituição nova e consolidada. Deste modo, se foram explicando melhor os fins do Opus Dei. São numerosos os textos em que utiliza o verbo *suscitar*, atribuindo-o à ação de Deus. Foi o amor misericordioso de Deus que suscitou o Opus Dei, e fê-lo com fins precisos: estes objetivos constituem o marco da sua missão.

Há uma ideia central que possa resumir estes fins? Há, sem dúvida, e

talvez se possa expressar dizendo que o Senhor suscitou a Obra para que os cristãos comuns pudessem conciliar a sua condição laical de cidadãos do mundo com uma busca da santidade e de uma vida espiritual que não lhes pedisse para abandonar o mundo e as suas dinâmicas, resolvendo assim uma espécie de conflito que muitos percebiam e ainda hoje persiste. Dito de outro modo, Deus suscitou a Obra para que, *abrindo os caminhos divinos da terra*, todos pudessem aspirar à santidade, à plenitude da filiação divina, através da vida quotidiana, entendida precisamente como lugar do trabalho habitual de cada um.

«Ao suscitar a sua Obra na terra, o Senhor veio resolver este conflito de raiz, dizendo a muitos leigos que é precisamente no mundo, no exercício do seu trabalho profissional ou do seu ofício – em qualquer atividade humana –, no

cumprimento dos seus deveres de estado, que devem santificar-se e ajudar os outros a santificarem-se, dando-lhes para isso uma ascética, um espírito plenamente secular, uns meios já não adaptados, mas específicos para a sua situação» (*Carta* 23, n. 18).

«Nestes anos, ao suscitar a sua Obra, o Senhor quis que nunca mais se ignore ou esqueça a verdade de que todos se devem santificar, e de que corresponde à maioria dos cristãos santificar-se no mundo, no trabalho quotidiano» (*Carta* 3, n. 92).

«O Opus Dei abriu os caminhos divinos da terra a todos os homens – porque fez ver que todas as tarefas nobres podem ser ocasião de um encontro com Deus, convertendo assim os afazeres humanos em trabalhos divinos» (*Instrução*, maio de 1935 - 14/09/1950, n. 1).

São estes os objetivos que constituem o marco da *missão* do Opus Dei e fazem dela um *fermento* na Igreja e na vida dos homens. De modo especial, este fermento não é outra coisa senão a vida cristã dos leigos que, com o seu trabalho, transformam, *a partir de dentro*, as realidades terrenas, como assinalou anos depois o Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, n. 31). Assim, a nova instituição recorda o que talvez se tivesse esquecido, aviva o que estava tibio e acende o que se tinha apagado, colaborando na Igreja e na sua própria missão para abrir novos horizontes, despertar entusiasmo e transmitir paz e alegria.

Com o fim de compreender como a identidade e a missão da nova instituição tomavam forma na meditação pessoal de São Josemaria, alguns autores^[1] sublinharam a importância das afirmações do fundador, quando se apresentam

introduzidas com particular *solenidade* por frases programáticas como: «*O Senhor suscitou a sua Obra para...*»; «*Viemos recordar que...*»; «*Desde 2 de outubro de 1928...*», etc. Não são afirmações circunstanciais ou meramente ilustrativas, mas pertencem ao núcleo da mensagem pregada e, portanto, ao núcleo da missão recebida de Deus.

«Viemos dizer, com a humildade de quem se sabe pecador e coisa pouca – *homo peccator sum* (Lc 5, 8), dizemos com Pedro – mas com a fé de quem se deixa guiar pela mão de Deus, que a santidade não é coisa para privilegiados: que o Senhor nos chama a todos, que de todos espera Amor: de todos, estejam onde estiverem; de todos, qualquer que seja o seu estado, a sua profissão ou o seu ofício» (*Carta 1*, n. 2).

«É necessário repetir uma e mais vezes que Jesus não se dirigiu a um

grupo de privilegiados, mas que veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus, de todos eles espera amor, de todos, quaisquer que sejam a sua condição, a sua posição social, a sua profissão ou ofício» (*Cristo que passa*, n. 110).

Em tais citações programáticas, o papel do trabalho dos fiéis cristãos comuns aparece sempre, direta ou indiretamente, como um lugar de encontro com Deus, como uma oportunidade para o exercício das virtudes, como uma ocasião de apostolado e de bom exemplo; basicamente, o trabalho aparece como aquilo que torna possível a busca da santidade *no meio do mundo*.

«Nestes anos, ao suscitar a sua Obra, o Senhor quis que nunca mais se ignore ou se esqueça a verdade de que todos se devem santificar e de

que à maioria dos cristãos corresponde santificar-se no mundo, no trabalho quotidiano. Por isso, enquanto houver homens na terra, existirá a Obra. Sempre se produzirá este fenómeno: que haja pessoas de todas as profissões e ofícios que busquem a santidade no seu estado, nessa profissão ou nesse ofício, sendo almas contemplativas no meio da rua» (*Carta 3*, n. 92).

Graças a esta luz, São Josemaria parece contemplar, como uma grande tarefa a realizar, o objetivo de ordenar o mundo para Deus; mais ainda, de o reordenar, porque está submetido ao pecado de Adão e aos nossos pecados. Vê-o como um objetivo realista, não utópico, como uma meta elevada e futura, mas certamente capaz de motivar e sustentar um real compromisso de vida.

«Isto é realizável, não é um sonho inútil. Se nós, homens, nos decidíssemos a albergar nos nossos corações o amor de Deus! Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e, do alto da Cruz, redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo lembra a todos: *et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum* (Jo 12, 32), se vós Me puserdes no cume de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo meu testemunho naquilo que parece grande e naquilo que parece pequeno, *omnia traham ad me ipsum*, tudo atrairei a Mim. O meu reino entre vós será uma realidade! [...] Abraçar a fé cristã é comprometer-se a continuar entre as criaturas a missão de Jesus. Temos de ser, cada um de nós, *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Só assim poderemos realizar esse empreendimento grande, imenso, interminável: santificar a

partir de dentro todas as estruturas temporais, levando até elas o fermento da Redenção» (*Cristo que passa*, n. 183).

A missão do Opus Dei entra assim diretamente, e não de forma oblíqua, na missão da Igreja de Jesus Cristo, fermento no meio dos povos para que o Reino de Deus, já presente mas *ainda não* plenamente realizado, se estenda por toda a terra. Esta é precisamente a missão do Filho eternizada na história pelo Espírito e confiada à sua Igreja: recapitular, reconciliar, reordenar todas as coisas, restituindo o mundo ao Pai, no Filho, pelo Espírito. Uma visão explicitamente transmitida por São Paulo e São João, mas presente em todo o Novo Testamento e preparada pelo Antigo.

«O Senhor quer que sejamos nós, os cristãos – porque temos a responsabilidade sobrenatural de

cooperar com o poder de Deus, uma vez que Ele assim o dispôs na sua misericórdia infinita – a procurar restabelecer a ordem quebrada e devolver às estruturas temporais, em todas as nações, a sua função natural de instrumento para o progresso da humanidade, e a sua função sobrenatural de meio para chegar a Deus, para a Redenção: *venit enim Filius hominis* – e nós temos de seguir as pegadas do Senhor – *salvare quod perierat* (Mt 18, 11)» (Carta 12, n. 19).

Missão particular dentro de uma missão geral

Uma vez concebida a missão do Opus Dei como participação na missão do Filho de recapitular e reconciliar todas as coisas – especialmente através do trabalho, *charneira* da própria santidade –, comprehende-se que São Josemaria insistisse na sua pregação – guiado por inspiração divina – em certos pontos essenciais.

Entre outros, o *sentido da filiação divina*, sem a qual esta participação não seria possível; depois, a *importância do Batismo*, pela dignidade que outorga e pelas tarefas para as quais nos capacita, enquanto sacramento que sela esta filiação no Espírito; depois, a *centralidade da Santa Missa*, onde o Filho opera a reconciliação do mundo com Deus, realizada de uma vez por todas na cruz; e a *humildade*, como condição indispensável para reinar com Cristo no serviço, porque a lógica da redenção consiste em abolir a prevaricação orgulhosa de Adão com a obediência do humilde Servo de Javé.

A finalidade da nova fundação possui uma necessária dimensão apostólica, porque se insere no *dynamismo da missão do Filho*, que o Espírito Santo prolonga na história e na Igreja. Compreende-se, portanto, por que razão São Josemaria insistiu

tanto, desde o primeiro momento, na tarefa evangelizadora que se impunha aos membros que se incorporavam à Obra e na responsabilidade que isso implicava: todos são chamados a ser apóstolos.

A missão do Opus Dei configura-se assim como uma missão *particular* dentro da missão *geral* da Igreja. A Obra coopera na missão confiada a toda a Igreja – tornar realidade o Reino, chamando todos os homens e mulheres à santidade – mediante uma luz particular: fazer que esta chamada se possa realizar *no contexto* do trabalho e das atividades ordinárias, e que a realização do Reino seja levada a cabo *através* desta tarefa.

«Minhas filhas e meus filhos – como parte da providência de Deus no cuidado da sua Igreja Santa e na preservação do espírito do Evangelho –, desde o dia 2 de

outubro de 1928, o Senhor confiou ao Opus Dei a tarefa de tornar bem patente, de recordar a todas as almas, com o exemplo da vossa vida e com a palavra, que existe uma chamada universal à perfeição cristã e que é possível segui-la. [...] Deus quer servir-se da vossa santidade pessoal, procurada segundo o espírito da Obra, para ensinar a todos, de um modo peculiar e simples, o que vós já bem sabeis: que todos os fiéis, incorporados em Cristo pelo Batismo, são chamados a procurar a plenitude da vida cristã. O Senhor quer que sejamos seus instrumentos, para recordar de forma prática – vivendo-o também – que a chamada à santidade é universal em concreto e não exclusiva de uns poucos, nem de um determinado estado de vida, nem condicionada em geral pelo abandono do mundo: que qualquer trabalho, qualquer profissão, pode

ser caminho de santidade e meio de apostolado» (*Carta 6*, n. 25-26).

Mesmo dentro da missão de promover a espiritualidade dos leigos, que é certamente tarefa de toda a Igreja e não apenas do Opus Dei, a nova instituição inspirada por Deus mantém a sua missão particular, que gravita novamente em torno do trabalho santificante e santificado.

«Dentro da espiritualidade laical, a peculiar fisionomia espiritual, ascética, da Obra aporta uma ideia, meus filhos, que é importante sublinhar. Tenho-vos dito inúmeras vezes, desde 1928, que o trabalho é para nós o eixo em torno do qual deve girar todo o nosso empenho por alcançar a perfeição cristã. Ao procurar a perfeição cristã no meio do mundo, cada um de nós há de necessariamente procurar também a perfeição humana, no seu próprio

trabalho profissional. Ao mesmo tempo, este trabalho profissional é o eixo em torno do qual gira todo o nosso empenho apostólico» (*Carta* 31, n. 10).

Tratando-se de uma missão particular dentro de uma missão geral, os que participam nesta nova fundação utilizam os meios com que a Igreja cuida da vida cristã dos seus filhos e que, logicamente, também outras realidades eclesiais pregam e praticam: vida de oração, receção frequente dos sacramentos, zelo evangelizador, promoção da família cristã, difusão dos ensinamentos do Magistério, etc. Estes meios – necessários para viver e atuar na Igreja – não tornam supérflua a missão peculiar do Opus Dei. Embora sejam essenciais para a salvação, o Opus Dei acrescenta um enfoque particular: esforça-se por orientar esses meios para a santificação dos seus membros através do seu

trabalho, fazendo deles apóstolos que procuram orientar as estruturas terrenas para Deus. Embora em princípio todos os fiéis batizados estejam chamados a cumprir esta missão no meio do mundo, a tarefa particular do Opus Dei é iluminar este caminho, acendendo neles a luz que permita percorrê-lo. Esta é a imagem querida por São Josemaria: a do lampião apagado, colocado no meio da rua, que volta a iluminar, como deve fazer.

Por outras palavras, para promover meios já habituais para a santificação da vida cristã *não haveria necessidade de suscitar o Opus Dei*. Estes meios também estão presentes no Opus Dei, mas, enquanto tais, não justificariam a sua missão. Para a realizar é necessário que, juntamente com estes meios, se proporcione uma formação espiritual, intelectual e apostólica adequada para

transformar o mundo e reconciliá-lo com Deus através do trabalho e das tarefas comuns, para colocar Cristo no cume de todas as atividades humanas, cumprindo o dever de cada momento e sendo testemunhas do Senhor (cf. *Cristo que passa*, n. 183). Pôr em prática os meios de vida cristã, sem se comprometer com tudo isso, não seria suficiente para fazer parte da nova Obra a que São Josemaria quis dar início. Por isso, muitos dos seus ensinamentos se centravam na ideia de que, para ser do Opus Dei, não basta ser bom, mas é preciso esforçar-se por trabalhar bem.

«Seja qual for, o trabalho profissional converte-se numa luz que ilumina os vossos colegas e amigos. Por isso, costumo repetir aos que se incorporam no Opus Dei, e a minha afirmação vale também para todos aqueles que me ouvis: que me importa que me digam que fulano de

tal é um bom filho meu – um bom cristão – mas um mau sapateiro?! Se não se esforçar por aprender bem o seu ofício, ou por executar o seu trabalho com esmero, não poderá santificá-lo nem oferecê-lo ao Senhor. Ora, a santificação do trabalho ordinário constitui como que o fundamento da verdadeira espiritualidade para aqueles que, como nós, estão decididos a viver na intimidade de Deus, imersos nas realidades temporais (*Amigos de Deus*, n. 61).

Ao longo dos artigos seguintes veremos como esta especificidade, que identifica a missão do Opus Dei na Igreja, estava e está presente no carisma dado por Deus a São Josemaria, e aprofundaremos também o modo como ele entendia o conceito de *trabalho habitual*, com as suas inúmeras aplicações na vida quotidiana.

[1] cf. Antonio Aranda, *El hecho teológico y pastoral del Opus Dei*, Eunsa, 2021.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/a-caminho-do-centenario-2-a-missao-do-opus-dei-na-meditacao-pessoal-e-na-pregacao-de-sao-josemaria/> (13/01/2026)